

Algumas contribuições da filosofia e sociologia na compreensão do envelhecimento e velhice de travestis

*Pedro Paulo Sammarco Antunes e
Elisabeth Frohlich Mercadante*

Resumo: Este estudo trata do envelhecimento de travestis. Justifica-se, igualmente, pela relevância social do tema, chamando a atenção sobre o processo de envelhecimento para a comunidade científica, a sociedade em geral e o próprio grupo de travestis em particular. A existência da travesti é precária desde a adolescência. Elas já são consideradas anormais e, portanto sem lugar. Muitas saem ou são expulsas de casa, por causa do intenso preconceito familiar e também da vizinhança. Assim, buscam habitar espaços onde serão aceitas. A maioria encontra na prostituição acolhimento afetivo, de moradia e funcionalidade mínima para sobreviver. Passam a vida em contextos violentos. Habitam o mundo de forma improvisada e frágil. Essa pesquisa detectou que é preciso haver políticas públicas que as amparem desde a infância. As travestis idosas são consideradas abjetas mesmo antes do seu processo de transformação. Atravessam a vida como abjetas. As que atingem a velhice são verdadeiras sobreviventes. Conhecer suas trajetórias de vida possibilita identificar quais são os pontos mais críticos onde não há qualquer tipo de amparo existencial.

Palavras-chave: velhice, gênero, travesti

Introdução

A filosofia ensina que devemos nos libertar das aparências e ir além das opiniões e percepções imediatas. Imaginemos então um muro bem alto que separe o mundo externo de uma caverna. Na caverna existe uma fresta por onde passa um feixe de luz exterior. Em seu interior permanecem seres humanos que nasceram e cresceram ali.

Eles ficam de costas para a entrada, acorrentados, sem poder locomover-se, forçados a olhar somente a parede do fundo da caverna, onde são projetadas sombras de outros homens que, além do muro, mantêm acesa uma fogueira. Os prisioneiros julgam que essas sombras sejam a realidade.

Um dos prisioneiros decide abandonar essa condição e fabrica um instrumento com o qual quebra os grilhões. Aos poucos vai se movendo e avança na direção do muro e o escala, com dificuldade enfrenta os obstáculos que encontra e sai da caverna, descobrindo não apenas que as sombras eram feitas por homens como também todo o mundo e a natureza.

No mito da caverna, o filósofo grego Platão (428 a. C. – 348 a. C.) faz a seguinte analogia: a caverna é o mundo das aparências, as sombras equivalem àquilo que percebemos, já os grilhões são nossos preconceitos e opiniões. Portanto, o prisioneiro que se liberta representa o filósofo, e a luz do sol a realidade. O instrumento que quebra os grilhões representa a filosofia.

Em geral, não costumamos questionar nossas crenças, pois elas nos parecem naturais. Algumas vezes acreditamos que algo ocorre quando na verdade não ocorre. Quando observamos o sol, por exemplo, temos a impressão de que é ele que gira em torno da Terra. Quando questionamos e buscamos um conhecimento específico sobre o assunto, percebemos que é a Terra que gira em torno do sol.

Uma atitude filosófica implica fazermos as seguintes perguntas ao objeto a ser estudado: O que é? Como é? Por que é? Para que é? A primeira busca encontrar uma definição para o objeto do estudo. A segunda busca a estrutura de relações e o funcionamento do objeto em questão. A terceira busca encontrar a origem e as causas da existência de nosso objeto. Por fim, a quarta pergunta, nos remete à finalidade do nosso objeto (Chauí, 2003).

Este estudo trata do envelhecimento de travestis. Com o aumento da população idosa, as travestis que envelhecem também merecem destaque, justamente por ser um segmento populacional que sofre exclusão em qualquer idade. Pouco se sabe sobre esse período da vida delas, até mesmo entre os membros do próprio grupo. Será que envelhecem? Se sim, como isso acontece?

Sobre o envelhecimento de travestis, por exemplo, a filosofia perguntaria: O que é uma travesti? O que é o envelhecimento? O que é o processo de envelhecimento de travestis? Como é o processo de envelhecimento de travestis? Por que ocorre o processo de envelhecimento de travestis? Para que ocorre o processo de envelhecimento de travestis?

Foi a escassez de estudos publicados sobre o envelhecimento e velhice de travestis - que muitas vezes não chegam a envelhecer - que nos levou a desenvolver a investigação proposta. Este trabalho justifica-se, igualmente, pela relevância social do tema, chamando a atenção sobre o processo de envelhecimento para a comunidade científica, a sociedade em geral e o próprio grupo de travestis em particular.

Revisão de Literatura

É bem verdade que o preconceito em relação às travestis vem diminuindo lentamente ao longo dos anos. Os movimentos de lutas pelos direitos de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transgêneros vem conquistando espaço. Porém, o preconceito ainda é forte e atua na vida das travestis desde a infância. As que chegam ao envelhecimento atravessam a vida sendo alvo de ataques constantes. O preconceito advém do processo de organização social que estipula o que é considerado normal e o que é considerado anormal.

Parece natural perguntar sobre as causas daquilo que é considerado anormal em qualquer campo de estudo. Porém, certa minoria de pesquisadores se pergunta sobre as causas daquilo que é considerado normal. Poucos se

ocupam em saber como foi o processo de construção daquilo que consideramos como sendo “a normalidade”.

A conhecida frase “o homem é a medida de todas as coisas” surgiu dos ensinamentos sofistas. Uma das mais famosas doutrinas sofistas é a teoria do contra-argumento. Para eles todo e qualquer argumento poderia ser contraposto por outro e a efetividade de um argumento estava na verossimilhança (aparência de verdadeiro, mas não necessariamente verdadeiro) perante uma plateia (Bornheim, 1994).

Os céticos - representados principalmente pelo filósofo grego Pirro de Élis (360 a.C. - 275 a.C.) - seguiam uma linha de raciocínio parecida com os sofistas. Os princípios de sua obra são expressos, em primeiro lugar, pela palavra *acatalepsia*, que define a impossibilidade de se conhecer a própria natureza das coisas. Para ele qualquer afirmação pode ser contraditada por argumentos igualmente válidos.

Portanto, o tema a ser abordado nesse artigo, o envelhecimento das travestis, será discutido a partir de um determinado ponto de vista em contraposição a outro determinado ponto de vista, o qual, por sua vez, resultará especificamente, em um terceiro e determinado ponto de vista.

Pretendo partir das chamadas ciências biológicas representadas, principalmente, pela psiquiatria, psicologia, e ciências da sexualidade fazendo um contraponto com as chamadas ciências humanas, representadas principalmente pela sociologia, antropologia e filosofia.

As travestis são excluídas e por vezes aniquiladas da sociedade, pois não se enquadram as normas de gênero estabelecidas, e submetidas a tratamento para serem corrigidas. Já as travestis em processo de envelhecimento, sofrem dupla estigmatização, a de estar envelhecendo, e a de estar envelhecendo como travesti.

O enunciado sobre algo nem sempre reflete o mundo real, mesmo porque a realidade também é construída por meio de enunciados advindos daqueles que os emitem. A questão sempre é abordada e definida conforme o ponto de vista teórico adotado. O indivíduo considerado doente não é naturalmente dado, e a doença é o resultado de um conjunto de enunciados de poder que a define como tal.

É interessante perceber que aquilo que é dito emite determinado efeito de “verdade” que não existe fora de determinada relação de poder. Não há discurso isento de qualquer relação de poder que o produz. Para isso é preciso compreender o regime de “verdade” da época e local em questão. Portanto, nenhuma “verdade” é neutra, soberana e imutável (Foucault, 2008a).

Nossa sociedade é construída por nós e pelo outro por meio da intersubjetividade. O homem é ao mesmo tempo produto e produtor do social. A cultura envolve as crenças do ser humano. Não nascemos “humanos”;

somos “humanizáveis”. O processo de objetivação social se dá por intermédio dos atos que se tornam hábitos e estes, por sua vez, criam padrões que se institucionalizam, tornando-se legítimos. Criamos algo que ao mesmo tempo nos cria, a sociedade. A ideologia existe porque nós a reconhecemos.

Determinadas ações são desejadas por todos. As crenças dão subsídios às instituições, prescrevendo papéis. As legitimações são justificadas nas instituições. Criada uma realidade objetiva, há mecanismos para mantê-la. Caso haja um “rebelde” que não se submeta à norma estabelecida, haverá a tentativa de aplicação terapêutica, com o objetivo de tratar para corrigir. Se não for possível corrigir, restará a prisão ou até mesmo o seu aniquilamento (Berger e Luckmann, 2006).

As práticas sexuais que não estivessem de acordo com a norma da procriação e de gênero foram sendo observadas, descritas e catalogadas. Com o passar do tempo, já por volta do século XIX, o tipo de atividade sexual que antes era considerada pecaminosa e anormal, começa a ser controlada e incorporada pelas ciências biológicas, representadas principalmente pela medicina e psiquiatria.

Manuais médicos foram sendo escritos contendo a forma “normal” e “anormal” de como a recém “criada” sexualidade “deveria” ser praticada - dentre os quais destacamos o clássico *Psychopathia Sexualis* escrito em 1886 pelo psiquiatra Richard von Krafft-Ebing (2001) – e quanto mais liberada por meio da fala, mais visível, categorizada e disciplinada (Foucault, 1993). A norma, nesse caso, nos faz acreditar que é como se houvera uma espécie de “essência” de gênero coerente e natural que estaria dentro de cada um de nós. Tal coerência se dá entre o sexo biológico, gênero e desejo.

Logo cabe ao sujeito, apenas manifestar essa “essência” coerente ao longo da vida, lembrando que, de acordo com essa lógica, homens manifestam a “essência masculina”. Já as mulheres, manifestam a “essência feminina”. O filósofo francês René Descartes (1596-1650) separa claramente as duas substâncias, alma e corpo: a essência da alma é pensar; a do corpo é ser um objeto no espaço. O pensamento (alma) está preso a esse fragmento de extensão (corpo). A alma age sobre o corpo e este age sobre ela.

Para o filósofo holandês Baruch Spinoza (1632 - 1677) no homem não há senão uma entidade, vista interiormente como mente, e exteriormente como matéria (corpo). O que existe na realidade é uma mistura inseparável. A mente e o corpo não agem um sobre o outro, porque não há outro (Abbagnano, 2007).

Corroborando com as ideias de Spinoza, o filósofo francês Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), defendia que não há separação e sim coexistência. Somos unidade única, duplicidade una e unidade ambígua. Por meio do corpo alcançamos o mundo. Somos o nosso corpo no mundo. Nosso corpo é condição necessária para percebermos nosso campo de presença no mundo. O corpo nos situa, limita e demarca tornando possível a relação com outros

corpos. A subjetividade está tanto no corpo, como na própria mente. Ou seja, somos nosso corpo com os outros corpos no mundo (Merleau-Ponty, 2006).

O filósofo grego Aristóteles (384 a.C - 324 a.C.) concluiu que o que fazia as coisas serem o que são, é a finalidade para a qual nasceram. A existência de um objeto, ente ou indivíduo para esse filósofo, significava dirigir-se a um objetivo. Para ele todos os seres são dotados de potência que por sua vez serão transformadas em ato. A potência indica a possibilidade por parte da matéria de assumir determinada forma. O ato indica a realização dessa possibilidade. Portanto, tudo na natureza tem uma causa final.

Ele defendia que compreender a verdadeira causa de um evento era intuir sua essência, especificidade e necessidade. Outro filósofo que corroborou com as ideias de Aristóteles foi o filósofo alemão Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716). Para ele, o mundo foi criado para um determinado fim - tudo o que existe tem uma causa final que define o seu propósito e a sua existência, nada acontece sem uma razão profunda suficiente. Agir para um fim e, em relação a este, avaliar os próprios meios é típico da natureza humana. Conforme a hipótese finalista, a natureza também seria movida por análogo critério de intencionalidade. O cristianismo fez do finalismo sinônimo de providência divina.

Influenciada pelo pensamento essencialista e finalista, as regras de gênero foram sendo construídas pelas normas religiosas, médicas, políticas e jurídicas. Portanto, o raciocínio estabelecido foi o seguinte: aquele que é definido como homem biológico foi feito com um pênis. Depois foi dotado de uma “essência masculina”.

Sua finalidade é buscar uma mulher biológica que foi feita com uma vagina e dotada de uma “essência feminina”. A partir desse encontro, os dois estabelecerão uma relação complementar e serão os responsáveis pela perpetuação da espécie humana. Além de garantirem a continuidade da vida, estarão cumprindo com as normas religiosas e mandamentos sociais estabelecidos.

Tal forma de raciocinar ficou conhecida na filosofia como essencialismo. Em oposição ao essencialismo, há outra corrente na filosofia denominada de existencialismo que diz que o homem não foi planejado por alguém para uma finalidade, como os objetos que o próprio homem cria. O homem se faz em sua própria existência. Não havendo tal essência, todos são iguais e igualmente livres para se fazerem em relação a determinado contexto (Abbagnano, 2007; Chauí, 2003; Nicola, 2005).

A separação entre “sexo” e “temperamento” remete a separação entre mente e corpo, que já estava presente nas ciências biomédicas influenciada, provavelmente, pelas ideias do filósofo francês René Descartes (1596 - 1650). Com o tempo passou a ser entendido que não só o corpo tinha um sexo como a mente também tinha. Gradualmente surge a ideia de um sexo na mente que resultará no sexo da mente. Tal forma de pensar vai formando aos poucos

aquilo que vai originar o conceito de gênero (Meyerowitz *apud* Leite Junior, 2008).

As marcas do corpo - interpretadas como marcas de velhice - são associadas às marcas que também surgem na mente. É como se o corpo fosse o reflexo direto de algo que também está acontecendo na mente, ou seja, corpo em decadência será igual a uma mente em decadência (Mercadante, 1997).

É interessante lembrar que antes de Descartes, o filósofo grego Platão (428 a. C. - 328 a. C.) defendia a noção de que o homem está em contato permanente com dois tipos de realidade: a inteligível e a sensível. A primeira é a realidade imutável igual a si mesma; a segunda são todas as coisas que nos afetam os sentidos, realidades dependentes e mutáveis, ou seja, imagens das realidades inteligíveis. O mundo concreto percebido pelos sentidos é uma pálida reprodução do mundo das ideias.

O problema que Platão propõe-se a resolver é a tensão entre os filósofos gregos Heráclito de Éfeso (540 a.C. - 470 a. C.) e Parmênides de Eléia (530 a. C. - 460 a. C.). Para o primeiro, o ser é a mudança. Tudo está em constante movimento e é uma ilusão a estaticidade, ou a permanência de qualquer coisa. Para o segundo, o movimento é que é uma ilusão, pois algo que é não pode deixar de ser e algo que não é, não pode passar a ser. Assim, para Parmênides não há mudança.

Ao ser influenciada por Parmênides e Platão, a heterossexualidade é definida e essencializada como uma das características da alma, e legitimada como sendo a única orientação sexual “correta”. Forma um conjunto de prescrições que fundamentam processos sociais de regulamentação e controle, cujo objetivo é moldar todos para serem heterossexuais e organizarem suas vidas a partir de um modelo que parece ser absolutamente “coerente”, “superior”, “lógico” e “natural”. É institucionalizada assim, a heterossexualidade obrigatória e compulsória (Rich *apud* Bento, 2006; Wittig *apud* Bento, 2006).

Os estudos *queer* se propõem a compreender as práticas sociais que organizam a sociedade como um todo através da “sexualização”, “heterossexualização” e “homossexualização” de corpos, desejos, atos, identidades, relações sociais, conhecimentos, cultura e instituições sociais. São interrogados os processos sociais normatizadores que criam classificações gerando a ilusão de que existem sujeitos estáveis, identidades naturais e comportamentos regulares (Seidman *apud* Miskolci, 2009).

A palavra *queer* muda de sentido e passa a colocar-se contra qualquer tipo de normatização como: “a mulher”, “o homem”, “o corpo”, “o sexo”, “a travesti”, “o idoso”. As dualidades - sexo-gênero; masculino-feminino; ativo-passivo; homossexualidade-heterossexualidade; normal-patológico; jovem-idoso; homem-animal; natureza-cultura - foram questionadas (Leite Junior, 2008; Pelúcio, 2009).

Neste sentido, um dos maiores esforços reside na crítica ao que se convencionou chamar de heteronormatividade homofóbica, defendida por aqueles que vêem no modelo heterossexual, conhecido também como heteronormatividade compulsória, como o único, correto e saudável. Por isso, os primeiros trabalhos dos teóricos *queer* apontam que este modelo foi construído para normatizar as relações sexuais, segundo conveniências complexas de organização social. Assim, pesquisadores e ativistas pretendem desconstruir o argumento de que a sexualidade segue um curso natural.

A teoria *queer* desafia a sociologia a não estudar mais aqueles que rompem as normas, nem os processos sociais que os criaram como desviantes, mas, ao contrário, insiste em focar nos processos normatizadores marcados pela produção simultânea do hegemônico e do subalterno. Tais estudos se preocupam em criticar os processos normatizadores. Portanto, segundo Pelúcio (2009), os estudos *queer* procuram desvelar mecanismos de naturalização e essencialização dos termos e relações por eles significados.

A *patologização* de determinadas identidades autoriza e confere poder àqueles que são considerados normais, a realizar com as próprias mãos a “asepsia” que deixará a sociedade livre da “contaminação”. As normas de gênero só conferem inteligibilidade, ou seja, existência e direito à vida, àqueles que estão alocados em “gêneros apropriados” aos seus respectivos “corpos sexuados”, possibilitando, além disso, a emergência de conflitos identitários com essas mesmas normas. Portanto, o saber médico, um dos “fabricantes” das normas de gênero, não descreve a natureza e sim a produz. Conforme já vimos, nenhuma formação de saber que estrutura determinado conceito é neutro (Bento, 2008).

O gênero é uma construção deliberada e não um processo natural. Porém há certa insistência por parte das ciências biomédicas em essencializar e naturalizar o gênero. No entanto, ele faz parte da lógica social que estabelece significado aos corpos, práticas, relações, crenças e valores. Mesmo que seja variável, e diverso culturalmente, parece fazer parte de um princípio que confere sentido à realidade que vivemos. Tanto o corpo produz o gênero, como o gênero produz o corpo em uma relação simultânea (Benedetti, 2005; Scott, 1990).

Para a filósofa norte-americana Judith Butler (nascida em 1956) o gênero não deve ser uma inscrição cultural de significado sobre um sexo predado. Ele deve designar também o próprio aparato de produção no qual os sexos são estabelecidos. O sexo não está para a natureza assim como o gênero está para a cultura. O gênero é um meio discursivo cultural pelo qual uma natureza sexuada ou sexo natural é produzido e estabelecido como realidade pré-discursiva. Como se o sexo fosse anterior à cultura e atuasse sobre uma superfície politicamente neutra (Butler *apud* Benedetti, 2005).

No caso da travesti idosa, podemos perceber que tanto a noção de velhice como a noção de gênero encontradas no corpo (ou mesmo na mente) é

consequência das normas padronizadas de velhice e / ou gênero, e não causa delas. O conjunto desses atos forma o que chamamos de velhice e / ou gênero.

O que os “especialistas do corpo” tentam encontrar como “velhice” e / ou “gênero” é, antes de tudo, a competência esperada de desempenho de “velhice” e /ou “gênero” daquele que está sendo analisado e julgado. Dessa forma, os conceitos de gênero e velhice são instituídos no tempo e no espaço por meio de regulamentos sociais que os definem como tais.

Como não há nenhum gênero e velhice “originais”, “naturais”, “essenciais”, “universais”, “imutáveis”, “fixos”, “neutros” e “verdadeiros”, a noção de cópia de gênero e / ou velhice perde o sentido. Nesse caso, não há como copiar aquilo que não se concretizou. Todas as variações da velhice e / ou gênero são válidas. Eles só se concretizam enquanto *performatividades*, e para serem reconhecidos e legitimados, necessitam da aceitação social.

A maior parte das travestis não se iguala às mulheres. Nem desejam isso. Elas sabem que são travestis e constituem seus corpos travestis a partir de seus corpos biológicos masculinos. Travestis em geral, transitam constantemente entre aquilo que foi denominado de características femininas e aquilo que foi denominado de características masculinas (Benedetti, 2005).

No entanto, algumas travestis dizem que se sentem mulher, pois têm “cabeça de mulher”. Como se houvesse uma interioridade natural, essencial e “feminina” que fosse manifestada exteriormente através de um corpo considerado também “feminino”. Algumas dizem que é justamente a cabeça o órgão que elas compreendem como sede da dimensão moral de cada sujeito.

A crença de que há um sexo biológico que subjaz é recorrente entre as próprias travestis e demais pessoas. Diante disso, elas se percebem como infratoras, que burlam as normas tidas como naturais, que, por sua vez, se associam às forças consideradas sagradas e deterministas. Sentir-se identificada com aquilo que é considerado feminino ou ter interesse afetivo-sexual por aquilo que é considerado masculino, mesmo sabendo-se homem, é muitas vezes considerado pelas travestis como algo que se nasce com. O determinismo do ser é associado com noções do destino e da natureza, as quais conjugam forças internas e externas que seriam maiores que o indivíduo pudesse controlar.

Da mesma forma que o gênero, a reiteração das normas daquilo que é considerado velhice são anteriores àqueles que as reiteram. Ao serem permanentemente reiterados, materializam aquilo que nomeiam. São *performativas*, pois reiteram aquilo que já foi regulado. O conjunto de normas é materializado nos corpos, os quais exigem práticas estilizadas, mediante os quais se produzem generalizações. As normas de gênero bem como aquilo que é considerado velhice não se tratam de escolhas, e sim de uma coerção social que produz nos corpos das travestis idosas, um efeito naturalizado e atemporal.

Portanto, as ciências médicas nos fazem acreditar que o gênero está na cabeça. Essa, por sua vez, é considerada como instância superior por excelência, pois pode assim dominar o corpo, adequando esse último à alma. A “cabeça de mulher” é considerada a dimensão íntima e “verdadeira” do ser, que pede um “corpo de mulher” que é considerada a dimensão física e social do ser. Adequando-se a “cabeça de mulher” ao “corpo de mulher” produz-se coerência social (Benedetti, 2005).

Voltando nossa atenção à velhice e envelhecimento, por meio da literatura pesquisada, compreendemos que conforme o capitalismo tornou-se o sistema econômico vigente, a fase da aposentadoria e o encerramento da produção no mercado de trabalho foram associados à velhice. Os corpos idosos já não produziam tanto quanto em relação a sua juventude, mas como continuavam a viver, precisavam ser aposentados, até que a morte chegasse. O velho passa a não ser visto nem como produtor nem como reprodutor e sim como um parasita inútil e decadente (Mascaro, 1997).

Os modelos de velhice valorizados são representados por idosos que enfrentam desafios, fazem projetos para o futuro, mantêm uma agenda completa de atividades, mostram-se criativos, joviais e relutam em se aposentar. Parece que o modelo tradicional de velhice que pressupunha o idoso em casa, aposentado, doente, decadente, isolado e aguardando a morte chegar, está mudando rapidamente.

A sociedade impõe que os modelos tradicionais se alterem para se adequar a produção e ao consumo sem limites (Almeida, 2005). O envelhecimento está sendo reinventado ao ser capturado pelas novas exigências comerciais da sociedade atual. Um novo mercado de consumo é criado prometendo a eterna juventude por intermédio de um novo vestuário, formas de lazer, estilos de viver, relação com o corpo, família e amigos. O modelo clássico de velhice é gradativamente substituído.

Portanto, essa “nova” velhice aparece agora transvestida de termos como “terceira idade”, “melhor idade” e “maior idade”. São novas categorias construídas socialmente, que incluem novos consumidores que não desejam se perceber como idosos padrões. Esses novos conceitos sobre o envelhecimento sugerem que esta é uma fase da vida que reflete a continuidade de um processo e não a etapa final (Debert, 2004).

O modelo de velho, durante muito tempo foi construído a partir do oposto ao modelo de jovem. Muitos idosos não se reconhecem nesse modelo, pois o envelhecimento é singular. Negar o modelo estabelecido para que todos envelheçam da mesma forma, inaugura outra forma de envelhecer (Mercadante, 1997).

A sociedade atual se caracteriza pela volatilidade, competitividade, individualidade, rapidez, instabilidade e por ser facilmente modulável e ajustável aos sistemas de poder que a controlam. Existe preconceito contra aqueles que não são moldáveis, rápidos e flexíveis (Foucault, 2008b). O idoso

geralmente costuma sofrer o estigma que o caracteriza como lento, rígido, sistemático, metódico, dependente e inflexível. O corpo idealizado e produzido por tal sociedade é sarado, magro, bonito”, dinâmico, independente, sempre jovem e “saudável”.

Os sujeitos se produzem por meio das relações de poder e das formas de saber. O poder é uma relação de forças, e toda força tem o poder de afetar e de ser afetada. As resistências se dão no âmbito dessa relação. A subjetivação escapa às formas de sujeição ou resistência no interior da relação de poder e acaba constituindo-se em uma relação consigo mesmo, que resulta em formas singulares de existência e subjetivação.

O filósofo francês Michel Foucault (1926-1984) compreendia a estética da existência como um modo artístico de viver, que não segue códigos estabelecidos. Na sociedade greco-romana a produção do sujeito também estava relacionada ao processo de envelhecimento. Era preciso viver para ser velho, pois só então o sujeito se completaria, e atingir a velhice constituía o objetivo da vida. Portanto, não fazia sentido atribuir um modo específico de vida para cada fase. A vida é processo e não uma fase seguida da outra, logo, ser velho tornava-se um privilégio: o de ter desfrutado uma longa existência.

Cada um atribuiria um modo específico de existência. A ética residia no cuidado de si traduzido em práticas e regras facultativas. As práticas que orientavam o cuidado de si tanto na cultura grega como na romana eram diversas. Elas excluía qualquer fórmula universal (Foucault, 2007a). Veremos mais adiante que para sobreviver, cada travesti entrevistada criou seu próprio modo de viver.

Na atualidade, o culto ao eu e aos excessos do prazer são estimulados gerando um estado de carência permanente. Já na antiguidade greco-romana não se atingiria a sabedoria de si sem o combate das paixões e apetites exagerados. O cuidado de si tem o objetivo de se produzir e atingir o próprio modo de ser. A velhice era caracterizada pela plenitude de uma relação acabada consigo (Foucault, 2007b).

Na cultura atual que valoriza a juventude, o excesso de prazeres e o culto da felicidade como sinônimo de ausência de sofrimentos, doenças e dores, tornar-se velho é sinônimo de aberração. O tempo é visto como algo linear em direção à morte, tendo a velhice como fase final. Ninguém quer envelhecer. Portanto, por meio, das biopolíticas, as ciências biomédicas se apropriam das estruturas microscópicas do corpo, com o objetivo de prolongar a vida e evitar a morte. É estabelecida a regra de congelar a juventude para todas as idades cronológicas, aniquilando assim, as singularidades (Tótora, 2006).

Para o filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900), é preciso viver e aceitar esta vida na sua totalidade, incluindo a velhice e a morte, com todas as suas alegrias e vicissitudes. O pensador nos adverte que ser digno daquilo que nos acontece é enfrentar a vida sem revoltas, nem negando ou dissimulando as situações (Giles, 1989). Para atender ao mercado, a velhice está se

transvestindo de juventude e disfarçando a realidade, observamos que, nesta perspectiva, as biopolíticas não permitem que as pessoas fiquem doentes ou envelheçam.

Para Nietzsche o ser humano está em uma situação de passagem incerta. Se há um abismo a ser percorrido, então o homem é a ponte entre as duas margens. Ele é um meio de passagem e não o destino. Atravessar esse abismo envolve risco pessoal e auto-superação. Ao invés de querer entender o significado do mundo, o novo homem consegue impor ao mundo os seus próprios significados e valores morais. Inverte o modo convencional de pensar. Isso é exatamente o que as travestis idosas têm feito, desde tenra idade (LeFranc, 2005).

A vigilância é colocada justamente sobre aqueles que atrapalham o fluxo considerado importante para o funcionamento da ordem social estabelecida pela sociedade (Mansano, 2007). A travesti idosa, por exemplo, é acusada de colocar em risco o fluxo considerado correto. Sua forma de ser e de viver não estão de acordo com os valores e regras estabelecidos para aquilo que foi considerado um “bom” funcionamento social. São acusadas de estarem em desacordo com as normas de gênero, valores familiares, sociais, religiosos, políticos e econômicos. Por isso são visadas, vigiadas, detectadas, classificadas, excluídas e submetidas a tratamento para correção.

Porém, as travestis mais velhas desempenham um importante papel perante o seu grupo. Orgulham-se de serem “mães” ou “madrinhas” das mais novas. Sua tarefa é de iniciar, proteger e ensinar a mais nova a viver como travesti. Dentre as funções que a travesti mais velha (como se fosse mãe) desempenha em relação à mais nova (como se fosse filha) destacamos: ensinar técnicas corporais e potencializar atributos físicos. Ou seja, ela ensina a tomar hormônios, sugere à travesti mais nova que partes do corpo devem ser *bombadas* e a quantidade de silicone a ser aplicada.

A “mãe” indica em qual *bombadeira* sua “filha” deve ir. Muitas *bombadeiras* são tidas como mães, pois “fazem o corpo”, orientando quais os cuidados com ele. Dominam técnicas que as colocam em posição de prestígio entre as travestis. Além disso, algumas travestis mais velhas ocupam lugar de cafetinas. Elas organizam a ramificada rede de prostituição entre as travestis que se prostituem.

As que conseguiram juntar algum dinheiro ao longo da vida acabam comprando imóveis e alugam quartos para as mais jovens. Outras ainda atuam como agiotas em relação àquelas que pretendem se prostituir na Europa. Algumas travestis que estão no exterior prestam esse tipo de serviço, auxiliando as mais novas na chegada e estada. Elas tanto exploram e maltratam como também são aquelas que cuidam das novas. Conforme já mencionado, devido ao preconceito, muitas travestis acabam criando uma rede comercial entre si. Muitas “mães” consideram que “fabricar” um corpo é também “fabricar” uma pessoa. Pois implica, entre outras coisas, na transmissão de valores próprios da travestilidade (Pelúcio, 2009).

Abordagem Metodológica

Para coleta de dados foram utilizadas entrevistas abertas com foco nas histórias de vida de cada uma das três entrevistadas. As entrevistas estão todas publicadas na íntegra na minha dissertação de mestrado (Antunes, 2010). Acredita-se que, conhecendo suas trajetórias de vida, é possível levantar quais são as estratégias de sobrevivência por elas adotadas ao longo da vida.

Segundo Duarte e Barros (2005) tal método envolve o uso e a coleta de narrativas e documentos da história da vida. O foco são as experiências vividas. Por meio da história de vida pode-se captar o que acontece na intersecção do individual com o social, assim como permite que elementos do presente fundam-se às evocações passadas.

O método não se pauta por roteiros pré-fixados e rígidos, e a coleta deve fluir de acordo com a situação da “conversa a dois” (Haguette, 1987). No entanto, alguns pontos foram propostos ao longo das entrevistas. Assim, foi solicitado que as entrevistadas discorressem sobre a infância, adolescência, idade adulta e momento atual; experiência de travesti; envelhecimento e velhice; perspectivas futuras.

As entrevistas trabalham com memória e, portanto, com seletividade, o que faz com que o entrevistado aprofunde determinados assuntos e afastem outros da discussão. O que interessa quando trabalhamos com história de vida é a narrativa da vida de cada um, da maneira como ele a reconstrói (Bosi, 1994; Minayo, 2010).

Portanto, a lembrança não será exatamente fiel ao fato tal como ele aconteceu. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo não é a mesma imagem que experimentamos na ocasião. Isso acontece, pois não somos mais os mesmos de então, nossa percepção mudou e com ela nossas ideias, juízos e valores.

O indivíduo conservará seu passado conforme for mais apropriado a ele. O material indiferente será descartado; o desagradável alterado; o pouco claro e confuso simplificado; o trivial elevado. No final forma-se um quadro, no qual não havia o menor desejo consciente de falsificá-lo (Halbwachs *apud* Bosi, 1994).

Logo, o diálogo que se dá entre os dois sujeitos na entrevista cria possibilidades interpretativas em níveis diferentes que incluem tanto a perspectiva do pesquisador, como do pesquisado. Portanto, quando o pesquisador efetuar a análise da entrevista, irá interpretar a interpretação que o próprio entrevistado atribui a si mesmo (Mercadante, 1997).

Dados coletados

A primeira entrevistada destaca que, com a chegada da velhice, os atributos físicos não são mais considerados belos. Esse é o grande impacto que acomete a vida das travestis que envelhecem, e muitas acabam se sustentando da prostituição.

Destaca que as travestis mais velhas devem servir de espelhos e modelos para as mais novas, e é importante que as últimas conheçam a trajetória das mais velhas. Dessa forma, elas perceberão que, se gozam de alguma liberdade e certo espaço na atualidade, isto se dá graças às mais velhas que “abriram” o caminho por meio de muitas lutas.

Coloca que travestis mais velhas tendem a se ocultar. A velhice não é valorizada, inclusive entre as travestis, pois é como se perdessem a função ao envelhecer. Então, acabam desaparecendo. Há relatos de algumas que envelhecem e voltam a se vestir como homens, passando por uma espécie de “*des-transformação*”. Outras acabam assumindo outros trabalhos como: costureiras, maquiadoras, *bombadeiras*, cozinheiras, cabeleireiras, domésticas, cafetinas, locatárias, agenciadoras, artistas, etc.

Fala que é importante que as travestis se reúnam em ONGs para se fortalecerem; que é fundamental que as travestis mais novas contribuam com a previdência social para que possam ter uma renda na velhice; que elas também precisam voltar a estudar, pois dessa forma aumentarão suas chances de conseguir outros trabalhos que as amparem na velhice. Diz que se houvessem políticas públicas que reconhecessem as travestis desde a mais tenra idade até a velhice, algumas não precisariam se ocultar quando envelhecessem e, como militante política, lembra que ainda há muito a ser feito.

A partir da segunda metade do século XIX na sociedade ocidental, a velhice é associada à decadência física e à ausência de papéis sociais (Debert *apud* Siqueira, 2004). Portanto, a travesti que se prostitui é considerada idosa quando seu corpo não é considerado mais atraente. Conforme a primeira entrevistada, isso já acontece por volta dos quarenta e poucos anos de idade.

A segunda entrevistada destaca que, atualmente, as oportunidades (cursos profissionalizantes) que se configuram nos grandes centros urbanos são frágeis para as gerações atuais de travestis. Justifica dizendo que o dinheiro que elas ganham com a prostituição é consideravelmente maior do que com outras profissões que possam desenvolver.

Acredita que a vida não passou inutilmente por ela, pois foi criadora de conceitos que nunca envelhecem e que expressam seu estilo de vida. Conta que as travestis mais novas se deparam com ela e percebem que não é nenhum terror envelhecer como travesti, se souberem como.

Considera que é importante ter tido uma boa educação familiar, berço e contato com pessoas eruditas, pontos a partir dos quais construiu sua vida, criando um estilo próprio e exemplar para as gerações mais jovens. Declara que é

preferível ser considerada elegante em suas atitudes do que elegante apenas por sua beleza física, e que não adianta ser linda aos vinte anos de idade se não há nada de construtivo a dizer.

Não se considera uma sexagenária. Fala que temos a tendência de ver a velhice nos outros. São os outros que envelhecem, pois, afinal, ela executa atividades que pessoas de sua idade não executam, e que é procurada sexualmente até hoje. Sugere que pessoas da sua idade não são procuradas sexualmente da mesma forma que ela é. Percebe-se como alguém que desperta interesse, pois as pessoas gostam de conversar com ela e estar ao seu lado. Diz que com a idade, passou a se conhecer melhor, principalmente em relação a seu corpo. Sabe escolher melhor quando está em uma relação sexual, por exemplo. Com o passar do tempo foi adquirindo maior qualidade na vida sexual, bem como em outros aspectos da vida.

Considera que a velhice é caracterizada pelo encontro com os seus “apanhados” ao longo da vida, e a meta é reuni-los e fazer um buquê de flores gloriosas. Para isso, é preciso ter sensibilidade para perceber as flores que são colhidas durante o percurso. Para ela, continuar aprendendo evita que envelheçamos, pois o aprendizado é um antídoto contra o envelhecimento, quando aprendemos não envelhecemos.

Reforça que o conceito de envelhecimento fica muito restrito na aparência física das pessoas, e que ser interessante não permite que as pessoas vejam as rugas que aparecem no rosto. Dessa forma, ela descreve que a pessoa será como uma árvore com seiva brilhante, folhas, flores, frutos e sombra onde todos irão querer estar ao redor. Para ela a pessoa velha é como uma árvore velha: seca, sem folhas, estéril, sem flores, frutos, seiva e brilho, portanto, vazia e solitária.

Já a terceira entrevistada fala de sua experiência de artista. Conta sua trajetória desde Cuba, onde nasceu em 1938 até chegar ao Brasil em 1958. Sofria homofobia na família, principalmente por sua mãe. Fala de sua transformação, carreira artística como transexual e envolvimento com pessoas influentes que puderam defendê-la, e que nunca quis ser um ícone ou modelo para ninguém. Disse que acabou defendendo a si mesma e conseqüentemente acabou abrindo caminho para as gerações mais novas. Reconhece que acabou servindo de modelo, embora não desejasse.

Associa velhice com morte. Diz que não quer sofrer para partir, porém considera-se tranquila em relação a sua morte, pois recebe amparo da religião que acredita: o candomblé. Assim, como a terceira entrevistada muitas travestis que viveram no mundo artístico acabam envelhecendo como artistas, e não se reconhecessem na categoria de travestis nem de prostitutas.

Análise dos dados coletados

As travestis idosas são consideradas abjetas mesmo antes do seu processo de transformação. Atravessam a vida como abjetas. As que atingem a velhice são

verdadeiras sobreviventes. Muitas vezes precisam se prostituir para garantir a sobrevivência, quando mais jovens. Suas vidas são marcadas por marginalidade, perigos, doenças, violência, exclusão, drogas e exposição a diversos tipos de risco de morte. São consideradas invisíveis ao longo de toda a existência, portanto desprotegidas e suas chances de atingirem aquilo que chamamos de velhice, são pequenas. Quanto mais o tempo passa para elas, mais invisíveis vão se tornando devido ao acúmulo de preconceitos: ser homossexual, travesti e idosa.

Conhecer suas trajetórias de vida possibilita identificar quais são os pontos mais críticos onde não há qualquer tipo de amparo existencial. Elas são grandes improvisadoras, visto que não são reconhecidas como seres humanos, precisam inventar suas vidas de forma singular. Como não “existem” perante a lei, estão sujeitas a todo tipo de violência e aniquilamento. Quem as defenderá?

Essa pesquisa detectou que é preciso haver políticas públicas que as amparem desde a infância; de políticas de saúde que as auxiliem em seus processos de transformação corporal, para que não tenham que se arriscar clandestinamente com silicone industrial e ingestão hormonal desregrada; e, grande desafio, uma profissão e meio de sobrevivência, ocupações onde não precisem se arriscar.

E que se assim for, que seja por escolha e não por ser a única forma de sobrevivência. Por fim, as políticas públicas continuarão amparando suas velhices, pois se adequarão às necessidades específicas de cada travesti que envelhece. Existir por meio de políticas públicas, as retira da situação de marginalidade e violência. Alegam que muitas vezes são violentas, para se defender da violência que sofrem por serem invisíveis. Vemos que este é um assunto é muito complexo, e que há muito ainda o que ser feito.

Considerações finais

A exclusão da travesti já começa na família, justamente por não se adequarem às regras sociais, o próximo desafio é a escola. O nome social que elas desejam usar, combinado com a aparência, é elemento para que sejam rechaçadas na escola, tanto pelos colegas como pelos professores e demais funcionários. Muitas relatam que por causa disso, não conseguem terminar os estudos.

Ao mesmo tempo, devido ao intenso preconceito, saem de casa ou são expulsas, perdendo seu lar logo na adolescência. Posteriormente, elas encontram nas travestis mais velhas a referência para construir seu próprio modo de ser. Travestis mais experientes terão um papel importante na vida das mais novas, pois ajudarão a construir seus novos corpos, estilos de vestir e formas de ser.

Devido à dificuldade de encontrar um emprego, por causa da aparência aliada a baixa escolaridade, acabam se prostituindo para sobreviver. Precisam modelar seus corpos de forma quase que clandestina e arriscada, pois não

contam com políticas públicas de saúde que as amparem. Isso exige altos investimentos, pois quanto menos considerado ambíguo e atraente forem os corpos, menos discriminação e maiores os ganhos financeiros.

A condição de seres patológicos em que são colocadas implica que a sociedade não as veja como humanas e sim como seres abjetos. Em sua maioria, são consideradas aberrações, sujeitas a tratamento, punição ou até mesmo extermínio. Todos os aspectos de suas vidas, como moradia, alimentação, saúde, vestuário, relacionamentos e finanças tornam-se frágeis e improvisados.

As que conseguiram driblar os riscos inerentes ao contexto existencial de marginalidade precisam adotar estratégias e, para isso, seguem um estilo próprio de existir, e não há como generalizar sua forma de lidar com as adversidades da vida. Cada uma terá seu jeito próprio. Além de ter sobrevivido, chegar à velhice é também sinônimo de referência, exemplo e alerta para as mais jovens.

Após as revoluções sexuais ocorridas no final do século XX no mundo, os conceitos de família e gênero sofreram profundas transformações. A travesti passou a ter mais espaço, saiu da clandestinidade e começou a se prostituir nas ruas dos grandes centros urbanos, galgando espaço até chegarem ao exterior, para que consigam ganhar em curto espaço de tempo, muito dinheiro. Quando não pudessem mais viver do corpo, já seriam consideradas velhas. Para as travestis o conceito de velhice está vinculado ao trabalho que desempenham como prostitutas, já que enquanto trabalham são úteis, produtivas e, portanto jovens. Se conseguirem juntar um bom capital poderão viver suas velhices com mais dignidade.

Os seres humanos só se tornam viáveis através de categorias socialmente reconhecidas. Portanto, segundo tal matriz essencializadora, travestis idosas são consideradas abjetas e invisíveis, justamente por não corresponderem a nenhuma categoria considerada viável às normas estipuladas (Miskolci, 2009).

Os filósofos franceses Gilles Deleuze (1925-1995) e Michel Foucault (1926-1984) influenciados pelo filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900) distinguem os sentidos entre ética e moral. Por ética são entendidas aquelas regras facultativas que avaliam o que fazemos e dissemos em função do modo de existência que isso implica. Ética implica uso da liberdade. A moral é composta por regras coercitivas que julgam as ações com base em valores referenciais, que variam conforme a época e o local em questão (Tótora, 2006).

Ela se traduz em leis, normas, códigos e regras que têm a pretensão de controlar os riscos e o inesperado. Para isso toma por base valores que são naturalizados e considerados acima do bem e do mal, atingindo igualmente a todos, muito embora saibamos que a moral varia conforme a época e o local em questão. Ela tem como meta regular as condutas, substituindo a potência (o que se pode ou não fazer) pelo dever (o que se deve ou não fazer).

A lei carrega um sentido moral, seu princípio é o dever, e seu efeito a obediência. Os modelos são reproduzidos e tidos como universais, como: modelo de velhice e de gênero. Travestis idosas não se encaixam nem no modelo de gênero e muito menos no modelo de velhice.

A ética não se pauta pelo dever e sim pelo conhecimento, por meio dos modos de existência que são experimentados nos bons e nos maus encontros. São regras facultativas que orientam as ações. Nelas, o sujeito pode inventar seu modo de ser, fazendo da existência uma obra de arte. Para o filósofo holandês Baruch Spinoza (1632-1677), a potência de um corpo varia baseado no seu poder de afetar e ser afetado.

O bom encontro se dá quando um corpo se compõe com outro e aumenta sua potência de agir, produzindo afetos de alegria. Nos maus encontros os corpos não se compõem, pois um corpo acaba por subtrair a potência de agir do outro corpo, produzindo afetos de tristeza. As paixões tristes são provocadas pelos indivíduos que desejam nos governar. O único modo de saber se o encontro será bom ou não é experimentar.

É preciso estar de posse da potência de agir. Por isso não sabemos o que pode um corpo, e enquanto não se sabe o que pode um corpo arrisca-se nos maus encontros. Em geral os indivíduos ficam nos maus encontros, pois acabam se submetendo a moral do que “deve” ser feito, não se permitindo experimentar. O importante é saber o que podemos fazer conforme nossa potência, arte e sabedoria de produzir bons encontros. Livres de preceitos morais o indivíduo terá condições de avançar para uma ética do envelhecimento, e a velhice pode nos proporcionar a arte de produzir bons encontros. O tempo passa a ser vivido em sua intensidade e não em sua extensão cronológica.

Devido às experiências já vividas arriscar-se nos maus encontros na velhice, torna-se cada vez mais improvável. Envelhecer pode trazer alegria ao estarmos de posse do nosso processo de agir. O ritmo e a velocidade de nossas ações são cadenciados pelo grau de intensidade e da potência de que somos capazes. Desta forma, a velhice não é mais encarada como um estado de carência ou perda, mas como o vivenciar de um modo de vida singular.

Para que a velhice de cada um se afirme, é preciso destruir os valores morais que obstruem o livre fluxo da vida. Negar e destruir são condições para se afirmar. Quando se diz sim à vida, é preciso ter audácia para dizer não aos valores morais existentes do “dever ser” que sujeitam os corpos aos jogos de poder dos códigos morais. É preciso aprender a envelhecer para criar novos modos de existência para que a velhice deixe de ser apenas uma fase cronológica pré-estabelecida de padrões de comportamento a serem seguidos. Para isso, constrói-se em atitude para fazer a vida recriar-se a cada instante como se fosse o derradeiro dia - Viver o infinito da vida, no finito de cada instante (Deleuze *apud* Tótorá, 2006).

Reiterando o que já foi dito várias vezes nesse artigo, essa pesquisa detectou que é preciso haver políticas públicas que levem em conta as especificidades existenciais que amparem as travestis em todas as faixas etárias. Necessitam de políticas de saúde que as auxiliem em seus processos de transformação corporal para que não tenham que se arriscar clandestinamente com silicone industrial e ingestão hormonal desregrada. Paralelamente há outro grande desafio que diz respeito à sua profissão e meio de sobrevivência. Ocupações onde não precisem se arriscar. E que se assim for, que seja por escolha e não por ser a única forma de sustento financeiro. Por fim, as políticas públicas continuarão amparando suas velhices, pois se adequarão às necessidades específicas de cada travesti que envelhece.

Referências

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ALMEIDA, Vera Lúcia Valsecchi de. "Velhice e Projeto de vida: possibilidades e desafios". In CÔRTE, B.; MERCADANTE, E.F; ARCURI, I. G. (Orgs.): *Velhice, envelhecimento e complex(idade): Psicologia, subjetividade, fenomenologia, desenvolvimento humano*. São Paulo; Vetor, 2005. p. 93-110.
- ANTUNES, Pedro Paulo Sammarco. *Travestis envelhecem?* São Paulo: Dissertação de mestrado em Gerontologia. PUC - SP, 2010. Disponível em: http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=11719. Acessado dia 12/04/2011.
- BERGER, Thomas e LUCKMANN, Peter. *Construção social da realidade*. Petrópolis:Vozes, 2006.
- BENEDETTI, Marcos. *Toda feita – O corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2005.
- BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo. Sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2006.
- _____. *O que é transexualidade?* São Paulo: Editora Brasiliense, 2008.
- BORNHEIM, Gerd. *Introdução ao filosofar*. São Paulo: Editora Globo, 1994.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade – Lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras,1994.
- CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Editora Ática, 2003.
- DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice*. São Paulo: EDUSP, 2004.
- DUARTE, Jorge e BARROS, Antônio. *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Editora Atlas, 2005.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I – a vontade de saber*. São Paulo: Graal Editora, 1993.

_____. *História da sexualidade II – o uso dos prazeres*. São Paulo: Graal Editora, 2007a.

_____. *História da sexualidade III – o cuidado de si*. São Paulo: Graal Editora, 2007b.

_____. *Arqueologia do saber*. São Paulo: Forense Universitária, 2008a.

_____. *Microfísica do poder*. São Paulo: Graal Editora, 2008b.

GILES, Thomas. *História do existencialismo e da fenomenologia*. São Paulo: EPU, 1989.

HAGUETTE, Teresa. *Metodologias qualitativas em pesquisas sociais*. Petrópolis: Vozes, 1987.

KRAFFT-EBING, Richard Von. *Psychopathia Sexualis*. São Paulo: Martins Editora, 2001.

LEFRANC, Jean. *Compreender Nietzsche*. Petrópolis: Vozes, 2005.

LEITE JUNIOR, Jorge. *Nossos corpos também mudam. Sexo, gênero, e a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico*. São Paulo: Tese de Doutorado em Ciências Sociais. PUC - SP, 2008.

MANSANO, Sonia Vargas. *Sociedade de controle e linhas de subjetivação*. São Paulo: Tese de doutorado em Psicologia Clínica. PUC - SP, 2007.

MASCARO, Sônia de Amorim. *O que é velhice*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1997.

MERCADANTE, Elisabeth Frohlich. *A construção da identidade e da subjetividade do idoso*. São Paulo: Tese de doutorado em Ciências Sociais. PUC - SP, 1997.

MERLEAU-PONTY Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: WSF Martins Fontes, 2006.

MINAYO, Maria Cecília. *O desafio do conhecimento*. São Paulo: HUCITEC, 2010.

MISKOLCI, Richard “A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização”. In: *Sociologias*. Porto Alegre: PPGS-UFRGS, 2009. n. 21 p.150-182. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/soc/n21/08.pdf>. Acessado dia 12/04/2011

NICOLA, Ubaldo *Antologia de filosofia ilustrada. Das origens à Idade Moderna*. São Paulo: Editora Globo, 2005.

PELÚCIO, Larissa. *Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS*. São Paulo: Annablume / Fapesp, 2009.

SCOTT, Joan “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. In: *Educação e Realidade*. Porto Alegre, 16 (2), jul 1990, p. 5-20

SIQUEIRA, Mônica Soares. *Sou senhora: um estudo antropológico sobre travestis na velhice*. Florianópolis: Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

TÓTORA, Silvana “Ética da vida e o envelhecimento” In: CÔRTE, Beltrina *et al.*, *Envelhecimento e velhice: um guia para a vida*. São Paulo, Vetor, 2006.

Pedro Paulo Sammarco Antunes - Graduado pela Faculdade de Psicologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie (2002). Mestre em Gerontologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2010). Pós-graduação *lato-sensu* em Sexualidade Humana pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (2007) e em Gestalt-terapia pelo Instituto Sedes Sapientiae (2004). Tem experiência na área de psicologia clínica com ênfase em sexualidade humana e é colunista da revista G Magazine desde 2008. E-mail: pedrosammarco@hotmail.com

Elisabeth Frohlich Mercadante – Antropóloga, doutora em Ciências Sociais (PUC-SP), vice-coordenadora e professora do Programa de Estudos Pós Graduados em Gerontologia, pesquisadora na área de Gerontologia. E-mail: elisabethmercadante@yahoo.com.br